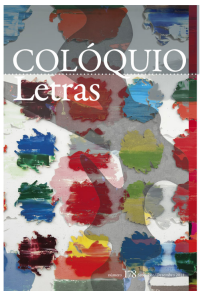

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'O Corpo em Pessoa. Corporalidade, Género, Sexualidade', de Anna M. Klobucka]

Rita Patrício

Para citar este documento / To cite this document:

Rita Patrício, "[Recensão crítica a 'O Corpo em Pessoa. Corporalidade, Género, Sexualidade', de Anna M. Klobucka]", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 249-250.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

corpus selectivo de textos, escolhidos em função do seu interesse estético e metatextual. Importa também observar que, desde o início, a autora nos alertou para a dissolução de fronteiras entre os géneros como um aspecto peculiar deste escritor. Com efeito, a obra fialhiana ganha em ser lida como um todo, em certa medida informe, onde a «prosa pura» se impõe, na sua fulgurante desmesura, enquanto «vontade de expressão». Também neste sentido Fialho se distancia da ortodoxia literária do seu tempo, para surgir ao leitor hodierno — nas palavras prefaciais de Vítor Aguiar e Silva — como um dos elos principais da nossa modernidade.

Maria Helena Santana

AA. VV.
O CORPO EM PESSOA
CORPORALIDADE,GÉNERO,SEXUALIDADE
Edição de Anna M. Klobucka e Mark Sabine
Tradução de Humberto Brito
Lisboa, Assírio & Alvim / 2010

Nos últimos anos, o conhecimento da obra de Fernando Pessoa tem vindo a ser objecto de importantes e decisivas revisões, seja pela publicação de muitos dos textos que permaneciam inéditos, seja pelo aparecimento de novos investimentos críticos no universo poético e poetológico pessoano, que possibilitam tanto a valorização desses inéditos como a releitura de alguns dos textos canónicos de Pessoa e das suas mais canónicas interpretações.

O presente volume, editado por Anna M. Klobucka e Mark Sabine (versão portuguesa de *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality*, University of Toronto Press, 2007), resulta da influência crescente dos estudos sobre corporalidade e representações literárias e culturais do corpo, assim como sobre sexualidade e género, núcleos temáticos da análise da obra pessoana aqui ensaiada. Ao tomar como centrais estas questões, até agora marginalizadas, os ensaios dos diversos colaboradores pretendem ou reler partes do *corpus* poético pessoano ou rever, a esta luz, o próprio conceito de heteronímia, incidindo tanto sobre materiais recentemente publicados como sobre textos já mais amplamente discutidos.

Deste posicionamento teórico podem resultar óbvias vantagens: como se resume na introdução, a crítica tem tradicionalmente entendido a heteronímia pessoana como um teatro mental e como evidência de uma experiência de negação da subjectividade e, consequentemente, do corpo, dando origem ao mito crítico de Pessoa como um autor intelectual e desencarnado, cuja poesia resulta de uma abstracção da experiência sensível, e lhe dá forma. O homem que nunca foi, para que em poesia tudo pudesse ser e de todas as maneiras — assim se poderia sintetizar a imagem de Pessoa construída desde há décadas, que explica o proteísmo da obra em nome de um esvaziamento biográfico, tomando a poesia como o resultado estético de uma descorporalização radical, consistindo nisso a originalidade absoluta do autor. Com algumas excepções, de que se destacam os trabalhos de José Gil e de Maria Irene Ramalho (autora que também colabora neste volume), que anunciaram já o corpo e as sensações que promove como núcleos centrais do projecto heteronímico, a exegese de Pessoa tem vindo a ler o outramento como a radical ausência a si mesmo, fundamentado precisamente na abdicação da sensorialidade do corpo e na sublimação da sexualidade, rasurando, para além disso, na leitura da heteronímia, a evidente personalização que a despersonalização pessoana implica. Compreende-se, deste modo, a potencialidade hermenêutica de ler Pessoa a partir

destes instrumentos analíticos, que permitem dar a ver o que foi rasurado e ostensivamente negado na leitura da sua obra, tida como a dramatização de um estilhaçamento do sujeito, espectacular e espectral, que inscreve no abismo entre corpo e consciência o desamparo desta. A eleição destes tópicos permite, então, chamar a atenção, por um lado, para a inevitável dimensão corpórea e performativa que o sistema heteronímico comporta, e, por outro, para a importância que em cada um desses corpos (e mesmo no de Pessoa *ipse*) assume a questão do corpo, do género e da sexualidade.

Na primeira parte do volume, intitulada «Investigações Corpóreas», Dana Stevens explora o motivo da brincadeira infantil, recorrente nos escritos de Pessoa, como modelo do sistema heteronímico; Alessandra M. Pires defende, nos conceitos de força, contemplação e desassossego, a relevância fundadora da corporalidade na teorização estética de Campos, Caeiro e Bernardo Soares, analisando os distintos modos de neles esta se revelar; e Blake Strawbridge lê, no conceito de abdicação de Soares, a condição que permite conceber a própria sensação como Arte, tornando o hiato criado pela tensão entre a experiência do corpo (de si mesmo e do mundo) e a consciência o lugar e a matéria da criação artística.

Na segunda secção do volume, «Leituras *queer* de Pessoa», Fernando Arenas analisa o desejo homoerótico na obra de Pessoa, através, primeiro, da discussão dos modos como a crítica foi lidando com essa suposta excentricidade e, a esse propósito, equacionando a relação entre vida e obra, e, depois, da leitura dos poemas pessoanos mais evidentes a esse respeito; George Monteiro demora-se em «Antinous» e em «Epithalamium», contextualizando-os na tradição poética inglesa; e o primeiro destes poemas é igualmente o objecto analítico de Mark Sabine, que, tomando a sexualidade enquanto possibilidade de libertação das restrições da subjectividade, o lê como dramatização desse gesto na recusa de concepções rígidas de género e de diferença sexual.

Em «(Des)localizar as Mulheres», terceira secção, debate-se a funcionalidade das figuras femininas, míticas ou reais, na obra de Pessoa. Maria Irene Ramalho reflecte sobre a impossibilidade moderna de convocação das musas e a alternativa invocação, por parte do poeta moderno, de que Campos é exemplo eloquente, do próprio corpo como condição de poesia; Campos é também lido por Kathryn Bishop-Sanchez, que analisa como o heterónimo joga na sua efeminização o desejo fusional com a modernidade; e Anna M. Klobucka, chamando à cena as cartas de Ofélia para Pessoa, revê, a essa nova luz, a correspondência amorosa do autor, corrigindo desse modo as leituras de que tem sido objecto.

Por último, na secção «Pessoa em Performance», Fernando Cabral Martins ensaia um conceito de «autoractor», jogando com a performatividade autoral inerente ao projecto heteronímico; Richard Zenith demonstra como a sexualidade é tema central dos escritos automáticos de Pessoa; e Francesca Billiani examina a representação de Pessoa e dos seus corpos heteronímicos nos romances de Antonio Tabucchi.

Se estas contribuições, de diferentes modos e com distintas consequências, respondem parcelarmente aos desígnios apresentados pelos editores, é contudo na introdução, «Os Corpos de Pessoa», assinada por ambos, que tais objectivos são atingidos de forma mais produtiva. É neste texto que mais poderosamente se dá a ver a novidade e o alcance de que se podem revestir corpo, género e sexualidade como tópicos críticos para a leitura da